

Relatório de Riscos Globais de 2022

17ª Edição

RELATÓRIO DE INSIGHT



Relatório de Riscos Globais de 2022 17ª Edição

**Sumário Executivo e Resultados da Pesquisa
de Percepção de Riscos Globais de 2021-2022**

Parceiros Estratégicos

Marsh McLennan

SK Group

Zurich Insurance Group

Consultoria Acadêmica

National University of Singapore (Universidade Nacional de Singapura)

Oxford Martin School, University of Oxford (Universidade de Oxford)

Wharton Risk Management and Decision Processes Center, University of
Pennsylvania (Centro de Gestão de Riscos e de Processos de Decisão da
Wharton, Universidade de Pensilvânia)

Sumário Executivo

Já no início de 2022, a COVID-19 e suas consequências econômicas e sociais continuam a representar uma grave ameaça para o mundo. A disparidade das vacinas e um resultante risco de recuperação econômica irregular combinam rupturas sociais e tensões geopolíticas. Nos 52 países mais pobres – onde vivem 20% das pessoas do mundo – somente 6% da população foi vacinada no momento que escrevemos. Em 2024, as economias em desenvolvimento (excluindo-se a China) verão o seu crescimento do PIB previsto antes da pandemia cair para menos de 5,5%, enquanto as economias avançadas o terão ultrapassado em 0,9%, ampliando a diferença de renda global.

A divergência global resultante criará tensões – dentro e através das fronteiras – com o risco piorando os impactos em cascata da pandemia e complicando a coordenação que devia solucionar desafios comuns, inclusive com fortalecimento da ação climática, aumento da segurança digital, restauração dos meios de vida e da coesão social, e administração da concorrência no espaço.

No *Relatório de Riscos Globais de 2022*, apresentamos os resultados da última Pesquisa de Percepção dos Riscos Globais (GRPS), seguidos pela análise dos principais riscos que emanam das atuais tensões econômicas, sociais, ambientais e tecnológicas. O relatório conclui apresentando reflexões sobre a resiliência aumentada, partindo das lições dos últimos dois anos da pandemia da COVID-19. As principais conclusões da pesquisa e a análise estão resumidas abaixo.

Percepções de risco globais dão destaque aos problemas sociais e ambientais

Solicitadas a analisar os últimos dois anos, as pessoas pesquisadas do GRPS perceberam que os riscos sociais – sob a forma de “erosão da coesão social”, “crises de subsistência” e “deterioração da saúde mental” – são os que mais pioraram desde o começo da pandemia. Somente 16% das pessoas pesquisadas

se sentem positivas e otimistas sobre a previsão para o mundo, e apenas 11% acreditam que a recuperação global será acelerada. A maioria das pessoas pesquisadas, em vez disso, espera que os próximos três anos sejam caracterizados por volatilidade consistente e múltiplas surpresas, ou por trajetórias fendidas que separarão os relativos vencedores e perdedores.

Para os próximos cinco anos, as pessoas pesquisadas novamente sinalizam que os riscos sociais e ambientais são os mais preocupantes. Contudo, em um horizonte de mais 10 anos, a saúde do planeta domina as preocupações: os riscos ambientais são percebidos como estando entre as cinco ameaças mais graves para o mundo, bem como entre as mais potencialmente prejudiciais para as pessoas e o planeta, com “falha na ação climática”, “eventos climáticos extremos” e “perda de biodiversidade” classificados entre os três principais riscos mais graves. As pessoas pesquisadas também sinalizaram “crises de dívida” e “confrontos geoeconômicos” entre os riscos mais graves durante os próximos 10 anos.

Os riscos tecnológicos – como “desigualdade digital” e “falha na cibersegurança” – são outras ameaças para o mundo no curto e no médio prazo de acordo com as pessoas pesquisadas do GRPS, mas cedem nas classificações para o longo prazo e nenhuma aparece entre as mais potencialmente graves, sinalizando um possível ponto cego nas percepções de risco.

O GRPS de 2021 incluía uma questão sobre os esforços internacionais de mitigação do risco. “Inteligência artificial”, “exploração do espaço”, “ciberataques transfronteiriços e informações falsas” e “migração e refugiados” são as áreas em que a maior parte das pessoas pesquisadas acredita que o estado atual da mitigação do risco não alcança o desafio – ou seja, são esforços que “não são iniciados” ou estão “no início do desenvolvimento”. Enquanto isso, com respeito a “facilitação do comércio”, “crime internacional” e “armas de destruição em massa”, as grandes majorias perceberam os esforços de mitigação do risco como sendo “estabelecidos” ou “eficazes”.



REUTERS/HEO RAN

Uma recuperação econômica divergente ameaça a colaboração quanto aos desafios globais

Persistem os desafios econômicos fluindo da pandemia. O panorama permanece frágil: no momento que escrevemos, previa-se a economia global como sendo 2,3% menor em 2024 do que teria sido sem a pandemia. O aumento dos preços de commodities, da inflação e da dívida são riscos emergentes. Além disso, com outro pico dos casos de COVID-19 até o final de 2021, a pandemia continua a oprimir a capacidade dos países de viabilizar uma recuperação sustentável.

A consequência econômica da pandemia se combina com desequilíbrios do mercado de trabalho, protecionismo e expansão digital, educacional e das lacunas de competência que expõem o mundo a trajetórias divergentes. Em alguns países, o lançamento rápido da vacina, as transformações digitais bem-sucedidas e novas oportunidades de crescimento podem significar um retorno às tendências pré-pandemia no curto prazo e à possibilidade de um panorama mais resiliente em um horizonte maior. Até agora, muitos outros países terão seu progresso impedido por baixas taxas de vacinação, estresse agudo continuado nos sistemas de saúde, exclusões digitais e mercados de trabalho estagnados. Essas divergências trarão complicações para a colaboração internacional necessária na abordagem da piora dos impactos da mudança climática, na administração dos fluxos de migração e no combate a riscos cibernéticos perigosos.

As pressões internas tornarão mais difícil que os governos se concentrem nas prioridades de longo

prazo e limitarão o capital político alocado aos problemas globais. A “erosão da coesão social” é uma importante ameaça no curto prazo em 31 países – incluindo Argentina, França, Alemanha, México e África do Sul do G20. As disparidades que já desafiavam as sociedades agora devem se expandir – 51 milhões de mais pessoas devem viver em extrema pobreza em comparação com a tendência pré-pandêmica – com o risco de aumentar a polarização e o ressentimento nas sociedades. Ao mesmo tempo, as pressões internas expõem posturas mais fortes do interesse do país e piores fraturas na economia global que virá às custas da ajuda e da cooperação estrangeiras.

Uma transição climática desordenada irá exacerbar as desigualdades

As pessoas pesquisadas do GRPS classificam “falha na ação climática” como a principal ameaça no longo prazo para o mundo e o risco de impactos potencialmente mais graves durante a próxima década. A mudança climática já está se manifestando rapidamente sob a forma de secas, incêndios, inundações, escassez de recursos e perda de espécies, entre outros impactos. Em 2020, inúmeras cidades pelo mundo passaram por temperaturas extremas não vistas há anos – como uma alta recorde de 42,7 °C em Madri e a temperatura mais baixa há 72 anos de -19 °C em Dallas, e regiões como o Círculo Polar Ártico com temperaturas médias de verão 10 °C mais altas do que nos anos anteriores. Governos, empresas e sociedades estão enfrentando pressão aumentada para impedir as piores consequências. No entanto, uma transição climática desordenada caracterizada por trajetórias divergentes em todo o mundo e entre setores afastará

ainda mais os países e bifurcar as sociedades, criando barreiras à cooperação.

Dadas as complexidades da mudança tecnológica, econômica e social nessa escala, e a natureza insuficiente dos atuais compromissos, é provável que qualquer transição que atinja uma meta de carbono zero em 2050 seja desordenada. Embora os lockdowns da COVID-19 tenham provocado uma queda global nas emissões de gás do efeito estufa (GEE), as trajetórias ascendentes logo serão retomadas: a taxa de emissão de GEE aumentou mais rapidamente em 2020 do que a média durante a última década. Países que continuam no caminho da dependência de setores intensivos de carbono correm o risco de perder a vantagem competitiva através de um custo mais alto de carbono, da resiliência reduzida, da falha em manter-se atualizados com a inovação tecnológica e dos incentivos limitados em contratos comerciais. No entanto, os deslocamentos dos setores intensivos de carbono, que atualmente empregam milhões de trabalhadores, irão provocar a volatilidade econômica, multiplicar o desemprego e aumentar as tensões sociais e geopolíticas. A adoção de políticas ambientais afobadas também irão trazer consequências involuntárias para a natureza – ainda existem muitos riscos desconhecidos a partir do desenvolvimento de tecnologias biotécnicas e de geoengenharia não testadas. Enquanto a falta de suporte público para transições do uso da terra ou os novos planos de precificação criarão complicações políticas que restrinjam mais ainda a ação. Uma transição que não explica as implicações sociais exacerbará mais as desigualdades nos países e entre eles, intensificando os atritos geopolíticos.

O crescimento da dependência digital intensificará as ameaças cibernéticas

O crescimento da dependência a sistemas digitais – intensificado pela COVID-19 – alterou as sociedades. Durante os últimos 18 meses, as indústrias passaram por rápida digitalização, os trabalhadores passaram a trabalhar remotamente quando possível e as plataformas e dispositivos que facilitam essa mudança proliferaram. Ao mesmo tempo, as ameaças à cibersegurança estão aumentando – em 2020, ataques de malware e ransomware cresceram em 358% e 435% respectivamente – superando a capacidade das sociedades de evitá-las efetivamente ou responder a elas. Obstáculos menores à entrada de atores de ameaças cibernéticas, métodos de ataque mais agressivos, uma carência de profissionais de cibersegurança e mecanismos de governança fragmentada estão todos agravando o risco.

Os ataques a sistemas grandes e estratégicos irão gerar consequências físicas em cascata pelas sociedades, enquanto a prevenção inevitavelmente implicará em custos mais altos. Os riscos intangíveis – como desinformação, fraude e falta de segurança digital – também causarão impacto na confiança do público nos sistemas digitais. Ameaças cibernéticas maiores também correm o risco de separar os estados, se os

governos continuarem a seguir caminhos unilaterais para controlar os riscos. À medida que os ataques se tornarem mais graves e amplamente impactantes, as tensões já aguçadas entre os governos influenciados pelo crime cibernético e os governos coniventes na sua incumbência aumentarão quando a cibersegurança se tornar outro entrave para a divergência – e não para a cooperação – entre os países.

Obstáculos ao risco à mobilidade intensificando a insegurança global

O crescimento da insegurança resultante da adversidade econômica, a intensificação dos impactos da mudança climática e a instabilidade política já estão forçando milhões a deixar suas casas em busca de um futuro melhor no exterior. “Migração involuntária” é um conceito importante de longo prazo para as pessoas pesquisadas do GRPS, quando 60% delas vê a “migração e os refugiados” como uma área em que os esforços de mitigação internacionais “não tiveram início” ou estão “no início do seu desenvolvimento”. Em 2020, havia mais de 34 milhões de pessoas desabrigadas globalmente – uma alta histórica. Entretanto, em muitos países os efeitos prolongados da pandemia, o protecionismo econômico aumentado e a nova dinâmica do mercado de trabalho estão resultando em obstáculos maiores para a entrada de migrantes que podem estar buscando oportunidade ou refúgio.

Esses obstáculos maiores à migração e seu efeito de transbordamento sobre as remessas – uma linha da vida crítica para alguns países em desenvolvimento – se arriscam a impedir um caminho potencial para restaurar a subsistência, manter a estabilidade política e unir as lacunas de renda e trabalho. No momento que escrevemos, os Estados Unidos enfrentavam mais de 11 milhões de empregos não preenchidos em geral e a União Europeia tinha um déficit de 400.000 motoristas apenas na indústria de caminhões. Nos casos mais extremos, as crises humanitárias podem piorar caso grupos vulneráveis não tenham outra escolha que não seja embarcar em jornadas mais perigosas. Em 2021, 4.500 migrantes, incluindo famílias e crianças, morreram ou desapareceram durante a jornada. As pressões da migração também irão exacerbar as tensões internacionais por serem usadas cada vez mais como um instrumento geopolítico. Os governos do país de destino deverão administrar as relações diplomáticas e o ceticismo dos imigrantes entre suas populações.

Oportunidades no espaço podem ser limitadas por atritos

Enquanto os humanos vêm explorando o espaço por décadas, os últimos anos testemunharam uma crescente atividade, não só na criação de novas oportunidades, mas também sinalizando um mundo emergente de riscos, em especial com a crescente militarização e armamento na área. Os novos participantes do mercado de satélites comerciais estão desarticulando a influência tradicional das empresas já estabelecidas do espaço comum global, entregando

serviços de satélite, em particular comunicações relacionadas à internet. Uma quantidade e amplitude maior de participantes operando no espaço pode gerar atritos se a exploração espacial e a exploração não são administradas de forma responsável. Com governança global limitada e desatualizada instalada para regulamentar o espaço junto com a divergência de políticas em nível nacional, os riscos estão se intensificando.

Uma consequência da atividade espacial acelerada é um risco maior de colisões que podem levar a uma proliferação de detritos espaciais e causar impacto nas órbitas que hospedam a infraestrutura dos principais sistemas na Terra, danificando equipamentos espaciais valiosos ou desencadeando tensões internacionais. As ferramentas de governança limitadas aumentam a probabilidade de a atividade espacial agravar as tensões geopolíticas, e os recentes testes de armas no espaço ressaltam esses riscos. A crescente atividade espacial também pode levar a impactos ambientais desconhecidos ou aumentar os custos dos produtos públicos, como monitoramento do clima ou vigilância da mudança climática.

O segundo ano da pandemia gera insights sobre resiliência

Em 2021, os países instalaram novos mecanismos para responder a uma crise de saúde pública com características alteradas, levando a sucessos e fracassos. Dois fatores interligados foram críticos para a administração eficaz da pandemia: primeiro, a

determinação dos governos de ajustar e modificar estratégias de resposta de acordo com as circunstâncias em mudança; e segundo, sua capacidade de manter a confiança da sociedade através de decisões íntegras e comunicação efetiva.

A repercussão sobre a resiliência distinta dos governos, empresas e comunidades ajudará a assegurar que as agendas estejam alinhadas no alcance de uma abordagem de toda a sociedade para lidar com os riscos críticos de qualquer natureza. Para os governos, o equilíbrio dos custos, a regulamentação da resiliência e o ajuste dos arranjos de compartilhamento de dados para assegurar a administração mais rigorosa das crises é chave, galvanizando uma interação mais forte entre os setores público e privado. As empresas – reconhecendo que o melhor preparo em nível nacional é importante para o planejamento, investimento e execução de suas estratégias – podem alavancar oportunidades em áreas como soluções para gargalo da cadeia de suprimentos, códigos de conduta dentro do seu setor e inclusão de uma dimensão de resiliência nas ofertas de benefício para a força de trabalho.

As comunidades podem ajudar os governos locais para que se juntem aos esforços nacionais, melhorem a comunicação e apoiem os esforços de resiliência do povo. Em um nível organizacional, as estratégias como análises de aterramento de análises de resiliência em requisitos-chave de entrega, avaliando as vulnerabilidades sistêmicas e adotando uma diversidade de abordagens podem ajudar os líderes a criar uma melhor resiliência também.



Resultados da Pesquisa de Percepção de Riscos Globais de 2021-2022

Marcas da COVID-19

“Erosão da coesão social”, “crises de subsistência” e “deterioração da saúde mental” são três dos cinco riscos que pioraram mundialmente durante a crise, de acordo com a GRPS. Esses três riscos (e a própria pandemia (“doenças infecciosas”)) também são vistos como uma das ameaças mais iminentes ao mundo. Essa cicatriz social agrava os desafios da formulação de políticas nacionais eficazes e reduz a atenção e o foco necessários à cooperação internacional para enfrentar os desafios globais.

Crises de dívidas iminentes

As “crises de dívida” foram identificadas como uma ameaça iminente para o mundo nos próximos dois anos, mas os entrevistados pela GRPS acreditam que elas alcançarão seu ponto mais crítico em três a cinco anos. O estímulo do governo foi essencial para proteger a renda, preservar empregos e manter os negócios funcionando, mas o fardo da dívida agora é alto e os orçamentos públicos continuarão a ser esticados após a pandemia, mesmo que sejam necessários para financiar transições justas e verdes.

O planeta não pode esperar

“Condições climáticas extremas” e “falta de ação climática” estão entre os cinco principais riscos de curto prazo para o mundo, mas as cinco ameaças de longo prazo mais alarmantes são todas ambientais. “Falta de ação climática”, “condições climáticas extremas” e “perda de biodiversidade” também são classificados como os três riscos potencialmente mais graves para a próxima década. Embora a preocupação dos entrevistados da GRPS sobre a degradação ambiental seja anterior à pandemia, a preocupação crescente com a falta de ação climática revela a falta de confiança dos entrevistados na capacidade do mundo de conter as mudanças climáticas, principalmente por causa das fraturas sociais e dos riscos econômicos que se aprofundaram.

Pontos cegos de conectividade

A “desigualdade digital” é vista como uma ameaça iminente para o mundo, pois 3 bilhões de pessoas permanecem offline. No entanto, também é verdade que muitos países e indústrias conseguiram acessar rapidamente e se adaptar perfeitamente a novas formas de interação humana e trabalho remoto. Esse salto digital trouxe uma maior vulnerabilidade. Os entrevistados da GRPS acreditam que a “falha de segurança cibernética” continuará testando os sistemas digitais globais nos próximos dois anos e, em menor grau, em três a cinco anos. Nenhum risco tecnológico aparece entre os potencialmente mais graves para a próxima década. Isso sugere menor relevância para os entrevistados (ou um ponto cego nas percepções, devido ao dano potencial dos riscos cibernéticos) em comparação com as preocupações econômicas, sociais e ambientais.

Rivalidades crescentes

Os entrevistados da GRPS acreditam que os “confrontos geoeconômicos” surgirão como uma ameaça crítica para o mundo no médio a longo prazo e como um dos riscos potencialmente mais graves na próxima década. Embora os desafios domésticos urgentes exijam atenção imediata, a pandemia e suas consequências econômicas provaram mais uma vez que os riscos globais não respeitam as fronteiras políticas. A humanidade enfrenta as ameaças compartilhadas e agravadas da fragmentação econômica e degradação planetária, que exigirão uma resposta global coordenada.

FIGURA I

COVID-19 em retrospecto

Riscos que mais se agravaram desde o início da crise da COVID-19

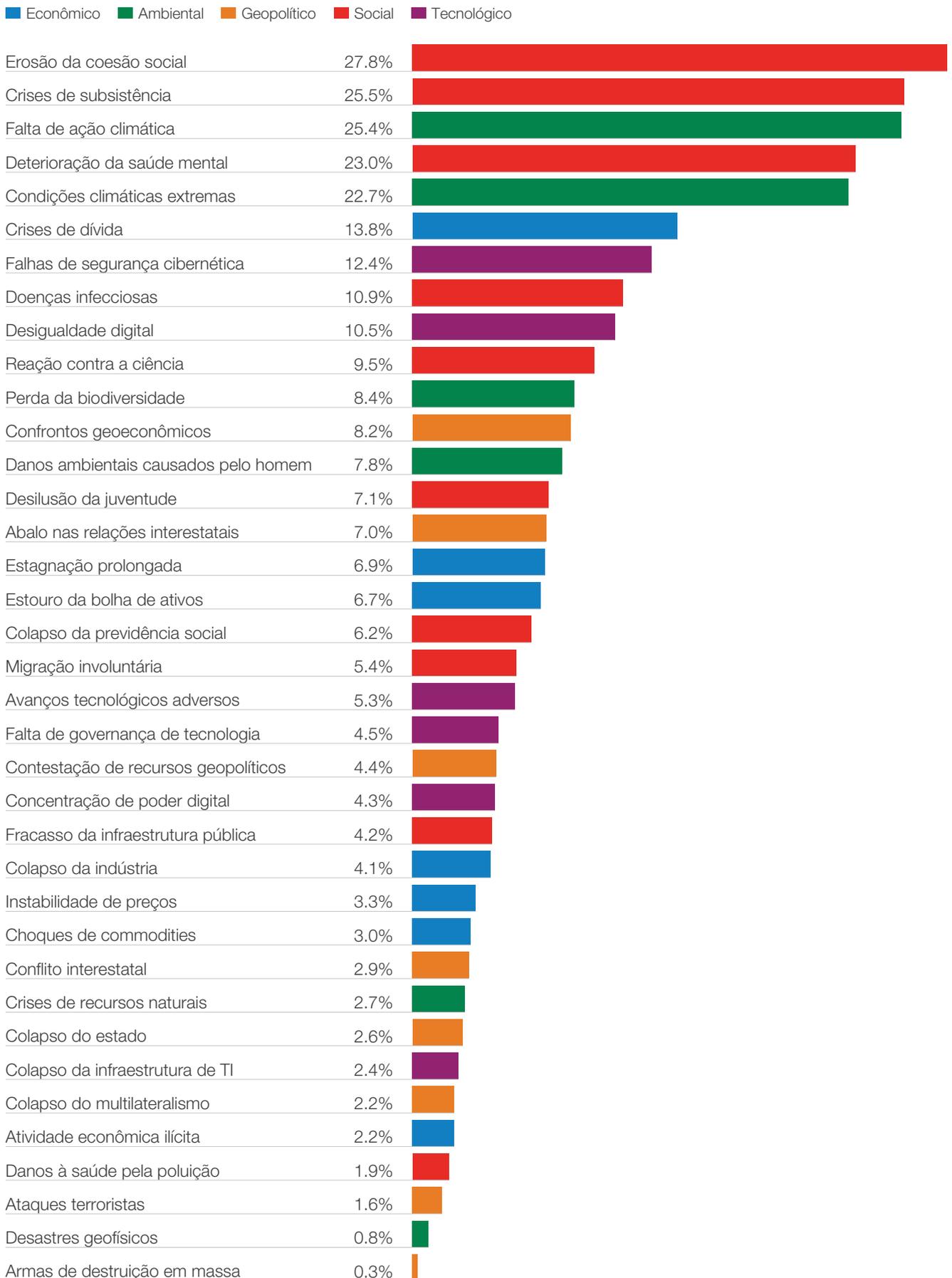


FIGURA II

Horizonte de riscos globais

Quando os riscos se tornarão uma ameaça crítica para o mundo?

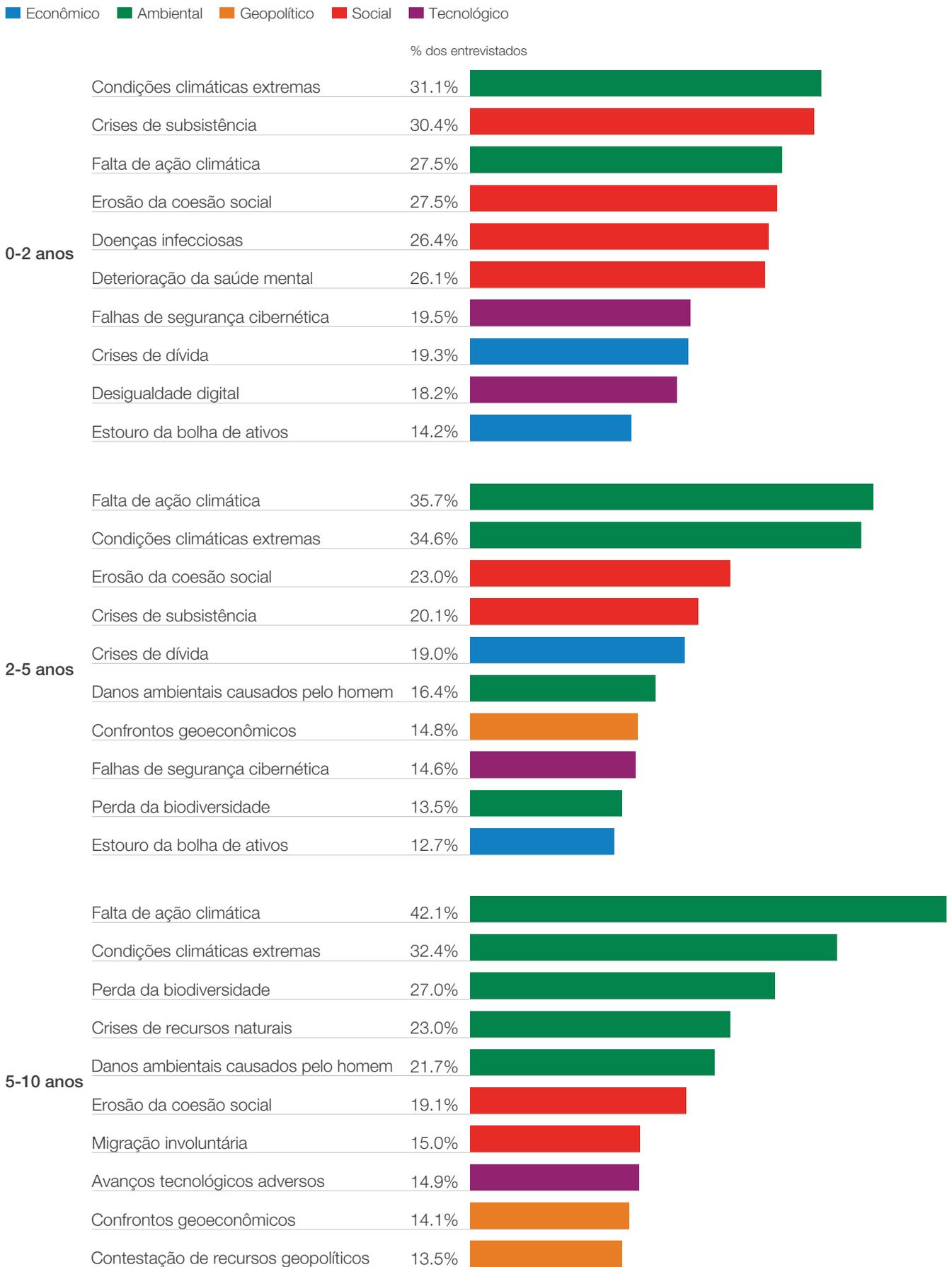
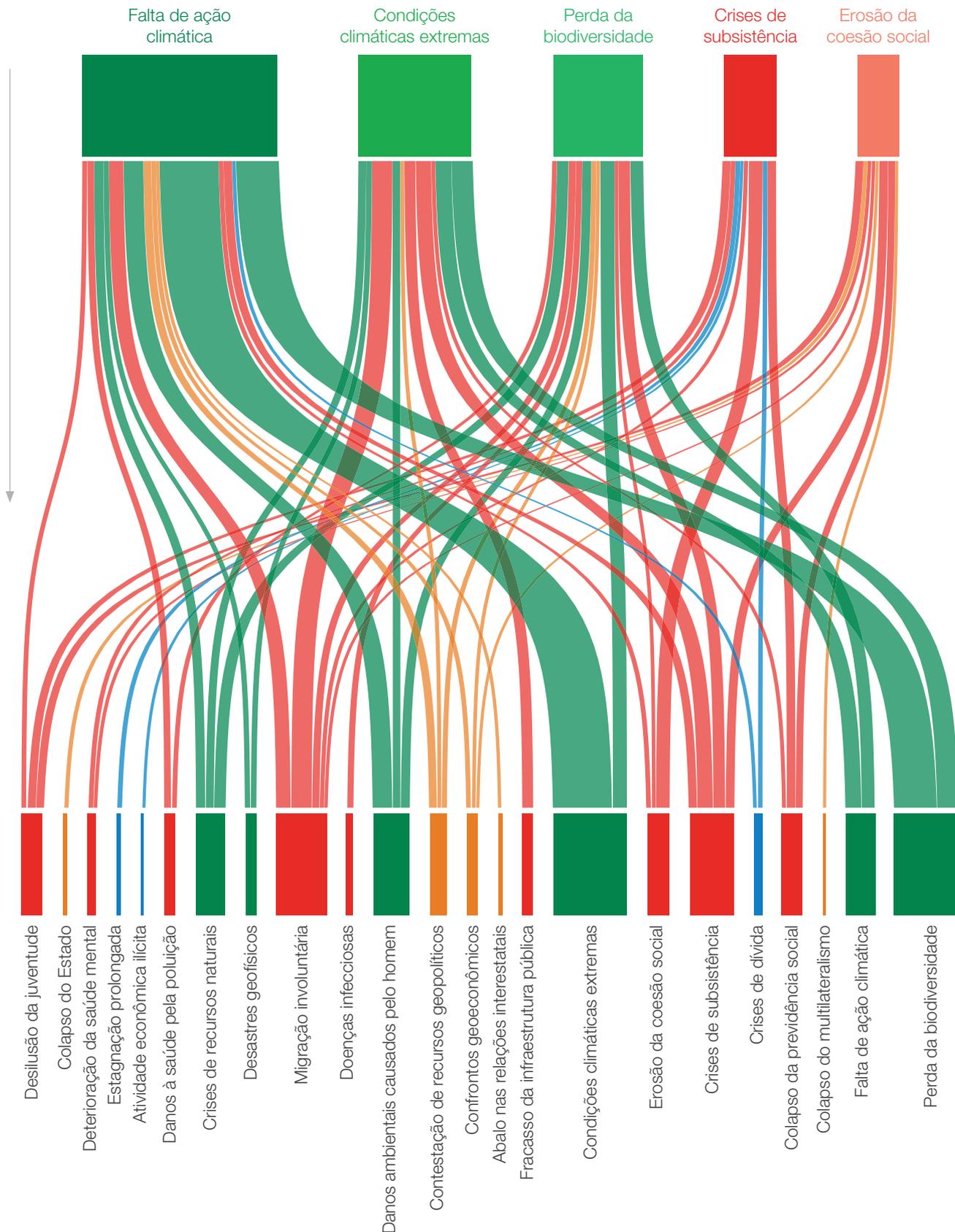


FIGURA III

Efeitos de riscos globais

Riscos potencialmente mais prejudiciais (linha superior) e riscos que agravarão (linha inferior)

■ Econômico ■ Ambiental ■ Geopolítico ■ Social ■ Tecnológico



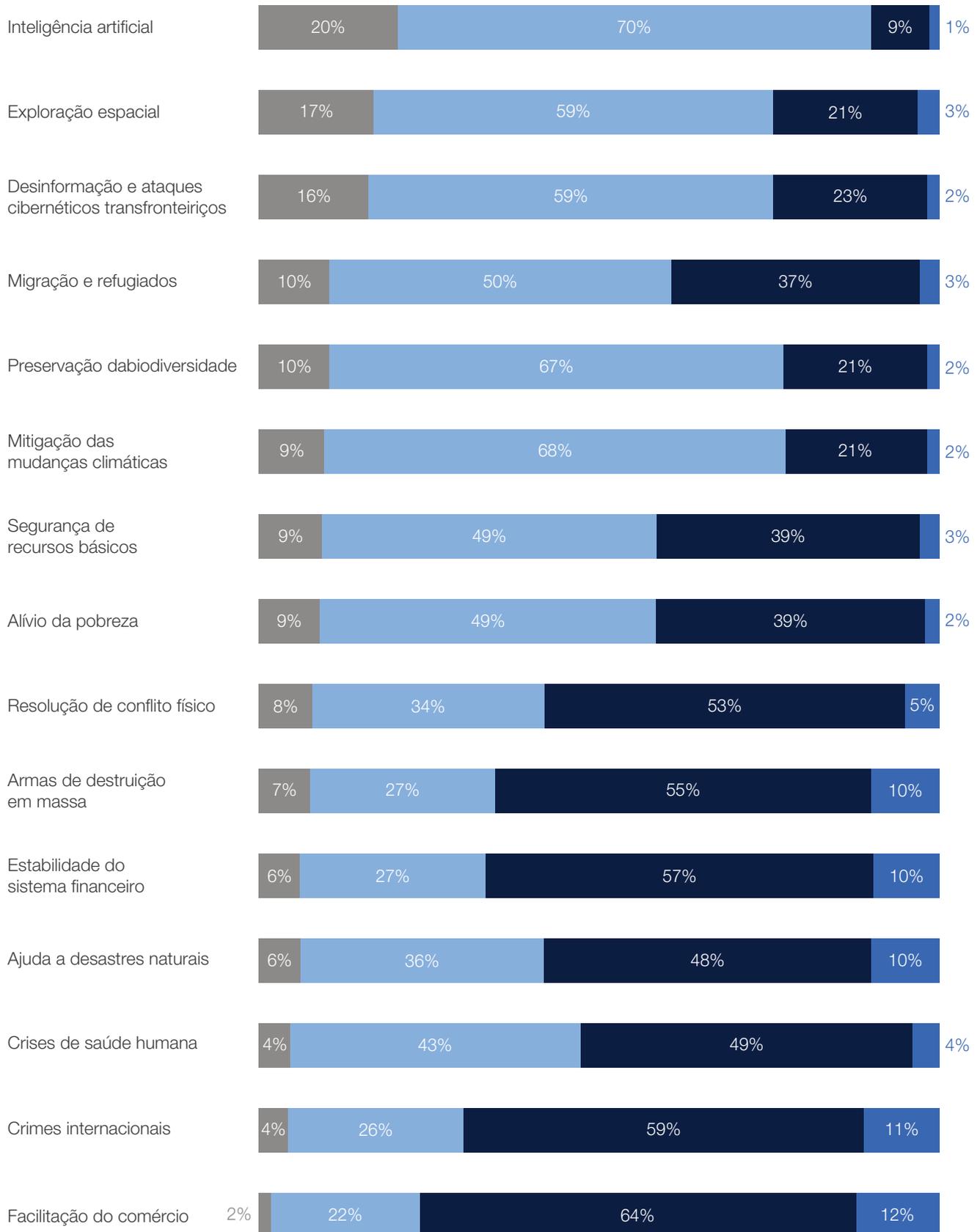
*Espessura da linha dimensionada de acordo com a contagem das conexões (consulte o Apêndice C: Notas Técnicas).

FIGURA IV

Esforços internacionais de mitigação de risco

Estado atual dos esforços internacionais de mitigação de risco em cada área

■ Não iniciado ■ Em desenvolvimento inicial ■ Estabelecido ■ Em vigor



**COMPROMISSO COM A
MELHORIA DA SITUAÇÃO
DO MUNDO**

O Fórum Econômico Mundial, comprometido em melhorar a situação do mundo, é a Organização Internacional para Cooperação Público-Privada.

O Fórum inclui os principais líderes políticos, empresariais e outros líderes da sociedade para definir as agendas globais, regionais e industriais.

World Economic Forum
91-93 route de la Capite
CH-1223 Cologny/Geneva
Switzerland

Tel.: +41 (0) 22 869 1212
Fax: +41 (0) 22 786 2744
contact@weforum.org
www.weforum.org